

A Psicologia Analítica e sua relevância no mundo atual.

Tema Livre apresentado no XXIV Congresso da Associação Junguiana do Brasil

Autor: Paola Vieitas Vergueiro

Dados curriculares:

Paola Vieitas Vergueiro é psicóloga e especialista na abordagem junguiana (PUC-SP), arteterapeuta (AATESP), mestre em Distúrbios do Desenvolvimento (Instituto Mackenzie) e doutora e Psicologia Clínica (Núcleo de estudos Junguianos da PUC-SP). É revisora *ad hoc* dos Cadernos Junguianos, psicoterapeuta, professora da São Camilo, orientadora e supervisora. Desenvolve pesquisas e publica trabalhos que se dedicam à interface entre psicologia analítica, arte, sociedade e cultura. Realiza formação de Analista no Instituto Junguiano de São Paulo (IJUSP), associado à Associação Junguiana do Brasil e filiado à International Association for Analytical Psychology (IAAP/Zurich). e-mail: paola.vv@hotmail.com

Filiação: Centro Universitário São Camilo

Introdução

Vivemos em um mundo acelerado, em constante mudança. Dos ganhos em conhecimento aliados à tecnologia advém a globalização, associada ao avanço cultural. Contrapõem-se às inovações as crises econômica, social, ecológica e política em nível mundial. Cabe à psicologia perguntar-se qual é a sua função, neste contexto.

Jung considera que o desenvolvimento atual da coletividade depende da aproximação e integração de conteúdos que se mantêm na polaridade inconsciente (tanto no indivíduo, como no grupo e na sociedade). Para que tal transformação psíquica seja realizada, considera fundamental reconhecer e integrar a sombra coletiva. Prevê que, para que isto ocorra, serão necessárias mudanças profundas na consciência coletiva e no paradigma vigente. (JUNG, 1990b)

A Psicologia Analítica e o tema fronteiras

O tema “Fronteiras” remete contorno, limites, separações e transições. Explorá-lo demanda a cada um de nós um exercício complexo. Quais são nossas fronteiras, como psicólogos e clínicos? Quais são as fronteiras que a teoria de Jung concebe para o mundo,

para a psique, para as diferentes dimensões da realidade e do conhecimento e para cada um de nós como parte deste mundo?

A teoria de Jung favorece larga discussão do tema “Fronteiras” uma vez que concebe a psique como uma dimensão da realidade total, que tem a possibilidade de se relacionar com as outras dimensões. Considera a psique como um campo dinâmico que mantém relações internas, consigo mesma e externas, com o universo que a contém. Concebe os mundos externo e interno como aspectos da mesma realidade, em permanente interação. Baseia-se em um paradigma holístico, no qual a psique não só está incluída, mas exerce papel fundamental (JUNG, 1990b)

Tal teoria subverte a ordem racional e a linearidade, e necessita de referências complexas para ser compreendida. As imagens tridimensionais apresentadas neste trabalho buscam favorecer sua visualização e compreensão, uma vez que na concepção junguiana, bem como na da física moderna, a realidade ultrapassa a quarta dimensão. As imagens planas, que utilizamos como modelo e ilustração da realidade, não traduzem a realidade em que a psique está inserida.

A observação dos fundamentos desta teoria leva à aproximação dos paradigmas contemporâneos, baseada em uma visão de universo complexo e interconectado. Nesta visão o conceito de fronteiras enfatiza o espaço de relação, de transição, de passagem, em vez da visão tradicional de separação e afastamento.

A psique, sua concepção e expressões fronteiriças

A concepção holística de Jung evidencia-se epistemologicamente nos conceitos de arquétipo psicóide, sincronicidade e Self e, simbolicamente, nas noções do Mercúrio alquímico e Anima Mundi (alma do mundo) (PEREIRA, 2001). Os conceitos de complexo e símbolo demonstram a unidade entre psique e corpo, psique e mundo (STEIN, 2006).

Tanto a matéria como o espírito são campos em grande parte desconhecidos da consciência humana, que fazem interface com a psique inconsciente (JUNG, 1986). A psique é capaz de se relacionar com as dimensões do espírito e da matéria revelando padrões arquetípicos que unem estas dimensões, tendo a potencialidade de responder a alguns dilemas que acompanham a humanidade desde a sua origem. Para que ou por que adoecemos? Qual a relação entre o que se passa com o meu corpo e minha alma? Como lidar com percepções paranormais? Qual o sentido de experiências transcendentais? A

proposta de Jung de arquétipo psicóide liga dimensões da vida que a ciência separa, os fenômenos de ordem material e espiritual através da psique.

A transgressividade afirma que os arquétipos podem ser observados em eventos compreendidos de maneira causal e acausal e também que podem ser encontrados em situações não psíquicas. Através do fator psicóide e da transgressividade dos arquétipos, a sincronicidade se manifesta, como um caso especial de ordenamento mais amplo do universo em que a psique participa através do nível psicóide. Na sincronicidade a energia psíquica atravessa de um estado menos provável para um mais provável, que inclui o devir. Aponta para um sentido (JUNG, 1990c; CAMBRAY, 2013). Esta forma de observar os eventos, chamada energético-finalista ou construtiva, insere uma perspectiva para a ciência com sérias implicações paradigmáticas, que inclui a psicologia. Isto mostra que “a bola está no nosso campo”, temos muito a fazer para demonstrar a importância da psique no ordenamento do mundo.

A *Anima mundi* (alma do mundo) é uma noção de origem platônica que indica a inseparabilidade entre as realidades psíquica e física, que se constitui uma alternativa ao pensamento dualista cartesiano. Tal ideia indica uma concepção de realidade onde psique e matéria formam uma unidade múltipla, paradoxal e complexa (JUNG, 1991, 1988, 1990d). A mesma noção se revela no conceito de Self de Jung, que atravessa as diferentes dimensões do universo, sendo seu nível mais baixo o informe, ascendendo à energia, à matéria, aos instintos de sobrevivência, à consciência do ego e finalmente à integridade ideal (JUNG, 1990b).

Esta teoria se assenta em uma visão de mundo que reúne a visão causal e acausal, mundos externo e interno, qualidades e quantidades, matéria e espírito, cognoscível e incognoscível, o natural e o criativo, vontade e instinto cego. A psique exerce função determinante nesta visão de mundo pois reúne, relaciona opostos, equilibra energeticamente espírito e instinto.

Há evidências de que a humanidade tem aumentado sua atuação na dimensão psíquica e tem reconhecido sua importância, o que se revela no fato da psicologia estar ao lado da medicina como um dos campos promotores de saúde, como disciplina nas universidades, no campo jurídico, nas artes e na cultura em geral (BOECHAT, 2014; SAMUELS, 1998). À medida que a energia psíquica perde sua compulsividade, emerge na psique como uma dimensão da realidade responsável por ligar espírito e matéria entre tantas outras dimensões (JUNG, 1990a). Esta é uma evidência da evolução da consciência humana na direção da integração de opostos.

Essa ligação reafirma permanentemente o paradoxo sobre o qual fomos criados: o eterno conflito entre espírito e matéria. Ela pode favorecer a integração da vida baseada impedindo o homem de ser unilateral, e ressalta a importância das escolhas e da consciência, que têm a ver com a liberdade, a vontade e a ética. É, pois, a reunião através da psique que pode trazer iniciativas transformadoras considerando a liberdade de escolha. Em função disto Jung considerou que "O mundo está por um fio, e esse fio é a psique do homem", referindo-se à necessária integração das polaridades para que o homem possa respeitar a natureza e se desenvolver ligando as dimensões da realidade, buscando respeito à diversidade, coerência, ética, e ações responsáveis em relação ao todo. Esta capacidade é da psique (STEIN, 2006). O que vamos fazer com ela cabe a nós, respondermos.

Os níveis da Psique na obra de C.G. Jung

A obra de Jung contém as bases para a realização da leitura de diferentes dimensões do psiquismo. Jacobi (1963) apresenta a articulação dos planos ou extratos da psique feita por Jung, comparando-os à árvore genealógica, que propõe uma espécie de correspondência filogenética da psique. Sua apresentação dos diversos extratos da psique apresenta a sequência: indivíduo, tribo, nação, grupo, povo, antepassados primitivos humanos, antepassados primitivos animais e força central. Esta proposta se aproxima do conceito de inconsciente cultural proposto por Joseph Henderson (1984). Henderson reserva o termo "inconsciente cultural" para os fatores arquetípicos, enfatizando principalmente o potencial de mitos e ritos. Considera que a dimensão cultural do psiquismo abrange as dimensões social, religiosa, estética, filosófica e psicológica, o que favorece a ligação entre estas áreas do conhecimento.

Ao concebermos a psique como um aspecto da realidade com diferentes dimensões, evidencia-se o desafio de compreender como se dão as relações entre estas dimensões e suas conexões com este universo tão vasto, que ultrapassa a dimensão da psique, logicamente.

A Psicologia Analítica e a Complexidade

A teoria sistêmica ganhou força de forma interdisciplinar. Diferentes disciplinas (biologia, cibernética, física, química, economia, ciências sociais) formularam "teorias

sistêmicas" próprias e adaptaram os conceitos-chave a um novo elenco conceitual. Nas últimas décadas desenvolveu-se um "novo pensamento sistêmico", denominado teoria da auto-organização ou, ainda, teoria da complexidade (LORENZ, 1996; PRIGOGINE e STENGERS, 1992; MORIN, 1990; CAPRA, 19882,1998; WALDROP, 1992).

Para Dillon (2000) a vida autorizada pela teoria da complexidade é a que decorre do conhecimento da morfogênese (das estruturas), da inteligência, da sobrevivência, da flexibilidade e, é claro, do ajuste à complexidade. Não é a da alteridade, da diferença, da imprevisibilidade, da responsabilidade e da justiça. Neste sentido, a Psicologia Analítica tem convergências com o novo paradigma, mas acrescenta a ele proposições fundamentais, que têm a ver com a ética e a função da consciência neste universo.

Este novo paradigma não propõe hegemonia epistemológica. Propõe a convivência e o estudo dos postulados, conclusões e métodos dos diferentes ramos do saber uma vez que nenhum deles, isolado, tem a capacidade de abarcar o todo. A proposta de hegemonia epistemológica e de um campo do conhecimento em relação ao outro seria um retrato da dificuldade de conviver e aprender com as diferenças (MORIN, 1990, 1996, 2000).

A multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade que estão em voga, são propostas que demonstram a busca de evolução baseadas na noção de todo. Trazem a possibilidade de evoluirmos colocando em contato diferentes áreas do saber, de forma colaborativa. Sua implementação parte do pressuposto de que há uma realidade dinâmica e maior que não podemos abarcar, que coordena e liga todas as áreas do saber de forma condizente com o novo paradigma, e a Psicologia Analítica tem a exata noção disto. Erigiu-se relacionada a diferentes áreas do conhecimento, e propôs que o futuro da ciência dependeria de ações transdisciplinares, em que áreas como a etnologia, filosofia, mitologia filologia, história, arqueologia e folclore pudessem estudar conjuntamente o mesmo tema (JUNG, 1975).

A psicologia, aliada do desenvolvimento humano, está ampliando seu campo de atuação. Os conceitos junguianos colaboram com esta realização, podendo ser aplicados às diferentes dimensões da psique e áreas do conhecimento. Pode-se utilizar referências de desenvolvimento propostas pela Psicologia Analítica para a realização de estudos e pesquisas sobre política, sociedade, economia. Símbolos, arquétipos, complexos, eixo ego-self, persona, sombra e tipologia podem ser aplicados a contextos coletivos, trabalho este que tem sido muito bem feito por alguns autores contemporâneos (BOECHAT, 2014; SAMUELS, 1998).

Para a Psicologia Analítica toda produção do conhecimento deve levar em conta a dimensão humana que a ele se relaciona, mesmo que se produza em contextos distantes como a matemática, a física e a química. A construção de uma relação da alma com o conhecimento e com a vida é um fator fundamental. Além disto, para ela o conhecimento de forma geral se relaciona, de alguma forma, com padrões transcendentais, e esta postulação pode prover recursos para unir as diferentes disciplinas e dimensões da realidade oferecendo soluções para os problemas que enfrentamos. Neste sentido, a Psicologia Analítica tem uma função relevante, pois é capaz de sugerir leituras que podem unir o que estava separado mediante a identificação dos padrões que unem as diferentes áreas do saber.

Para realizar esta tarefa sugere-se a dedicação dos junguianos às interfaces da Psicologia Analítica com outras disciplinas e com o mundo externo. Como vimos, a Psicologia Analítica tem em seus fundamentos sustentação para tal tarefa.

Diante das evidências de um mundo em crise penalizado com disputas de poder entre áreas do conhecimento, grupos e nações, vale lembrarmos que na origem tudo estava ligado, e as separações são formas que encontramos de nos desenvolvermos e conhecermos um pouco mais pelo estudo das partes. As separações e diferenças têm, nesta perspectiva, uma função importante, que se expressa no paradigma atual de ciência, ao propor a convivência na diversidade. A Psicologia Analítica, convergente a este paradigma tem uma importante contribuição a oferecer, demonstrando que fronteiras são espaços de transição, de ligação, passagem. E a nossa ligação, com respeito às diferenças, é fator fundamental para tal realização.

Referências

BOECHAT, W. **A alma brasileira – luzes e sombra**. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOECHAT, W. Futuros para a Psicologia Analítica. Trabalho para o VII Simpósio da Associação Junguiana do Brasil, Nova Friburgo, 10/1999. Disponível em: http://www.jung-rj.com.br/artigos/futuros_para_a_psicologia_analitica.htm Acesso em 20/08/2017.

CAMBRAY, J. **Sincronicidade** – natureza e psique num universo interconectado. Trad. Caio Liudvik. Petrópolis: Vozes, 2013.

CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix/Amana - Key, 1998.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

- DILLON, M. Poststructuralism, complexity and poetics. **Theory, Culture & Society**, v.17, n. 5, p.1-26, 2000.
- HENDERSON, J. L. **Cultural attitudes in psychological perspective**. Toronto: Inner City Books, 1984.
- JACOBI, J. **La Psicología de C.G. Jung**. Madrid: Espasa-Calpes, 1963.
- JUNG, C. G. **A natureza da psique**. OC 8/2, pp. 305-328. Trad. Dom Mateus Ramalho Rocha. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- JUNG, C. G. **A energia psíquica**. OC 8/1. Trad. Mateus Ramalho Rocha. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990a.
- JUNG, C. G. G. **AION - Estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo**. OC 9/2. Trad. Dom Mateus Ramalho Rocha. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990b.
- JUNG, C. G. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- JUNG, C. G. **Mysterium Coniunctionis**. OC, 14/1. 2ª ed. Trad. Frei Valdemar do Amaral. Petrópolis: Vozes, 1988.
- JUNG, C. G. **Mysterium Coniunctionis**. OC, 14/2. 3ª ed. Trad. Frei Valdemar do Amaral. Petrópolis: Vozes, 1990d.
- JUNG, C. G. **Psicologia e Alquimia**. OC 12. 3ª ed. Trad. Maria Luiza Appy, Margareth Makray, Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 1991.
- JUNG, C. G. **Sincronicidade**. OC 8/3. 4. ed. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho. Petrópolis: Vozes, 1990c.
- LORENZ, E. N. **A essência do caos**. Brasília: UnB, 1996.
- MORIN, E. (1996a). Epistemologia da complexidade. In: SCHNITMAN, D.F. (org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artmed, p. 274-279.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- MORIN, E.; MOIGNE, J. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Trad. Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PEREIRA, H.C. Entre o uno e o múltiplo: a anima mundi na psicologia de CG. Jung. **Arq. Bras. Psicol.** v. 53, n. 1, p. 72-84, jan-març. 2001.
- PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. **Entre o tempo e a eternidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- SAMUELS, A. Will the Post- Jungians Survive? In: **Post Jungians Today**. Ed. por Casey, A. . Routledge: Londres e Nova York, 1998.

STEIN, M. **Jung, o Mapa da Alma**: uma introdução. Trad. Álvaro Cabral. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

WALDROP, M.M. **Complexity**. New York: Touchstone Book, 1992.